A importância da tradição na cultura popular

César Obeid

A literatura de cordel já entrou com força total nas escolas! Inúmeros livros didáticos e paradidáticos procuram tratar deste rico universo, os educadores e alunos estão se encantando com o sabor das rimas e o colorido da oralidade das estrofes dessa incrível narrativa brasileira!

Vamos saber um pouquinho mais sobre o assunto e os cuidados que devemos ter para não perpetuar as informações equivocadas que circulam na internet (e em alguns livros também!) para que todos possam aproveitar ao máximo o cordel em sala de aula. Existem algumas informações equivocadas sobre o cordel que não conferem com a realidade, como as seguintes:

"Existem criações de cordel em prosa". A literatura de cordel brasileira, chamada de "folheto" ou "romance" pelo povo é invariavelmente escrita em versos rimados e metrificados. A literatura de cordel ibérica é que poderia ser escrita na forma de prosa ou em verso.

"Os folhetos de cordel são feitos em papel de péssima qualidade". Os poetas do passado utilizavam o melhor recurso gráfico disponível da época para a impressão dos seus folhetos, o que poderia até ser um papel de baixa qualidade, devido à escassez de recursos. Hoje, a vontade de fazer o melhor não mudou e, para isso, os poetas utilizam todos os recursos gráficos disponíveis.

"A literatura de cordel é assim chamada pelo fato de os folhetos serem expostos pendurados em barbantes e vendidos em feiras do nordeste brasileiro". A frase estaria certa se terminasse assim: "[...] pelo fato dos folhetos serem expostos pendurados em barbantes e vendidos em feiras em Portugal". Ou seja, este nome e essa tradição são ibéricos, não nordestinos.

Klévisson Viana

O poema "Vaca Estrela e Boi Fubá" do mestre Patativa do Assaré é literatura de cordel. O Poeta Patativa escreveu lindos cordéis, mas também publicou muito "poesia matuta", outro estilo da literatura sertanejo-nordestina, que é diferente do cordel. O cordel utiliza as modalidades da cantoria de viola e rimas com exatamente o mesmo som. A Poesia Matuta pode usar rimas com o som parecido e outras modalidades de estrofes.

O cordel costuma ser vendido em mercados e feiras pelos próprios autores. O cordel já foi muito mais vendido em feiras e mercados. Percebe-se hoje a presença de poetas em escolas, faculdades, centros culturais, etc. Mas a tradição do próprio poeta vender seus folhetos se mantém.

Os temas tratam sobre as façanhas do cangaceiro Lampião e do suicídio de Getúlio Vargas. Esses temas e outros ligados ao universo do imaginário nordestino ainda são tratados pelos poetas, mas a infinidade e a diversidade de assuntos também fazem e fizeram parte das narrativas de cordel. O limite é a imaginação de cada poeta, qualquer assunto pode virar cordel nas mãos de um poeta habilidoso.

De modo geral, a produção está em declínio. Declínio? Temos inúmeros e excelentes poetas atuantes de todas as idades, espalhados por todo o Brasil, como pode ser uma arte em declínio?

Caro educador, a minha intenção não é só somente indicar o erro que as pessoas publicam em saites e livros para desmerecer as pesquisas anteriores, mas alertar e orientar para que os equívocos diminuam cada vez mais e que possamos chegar, algum dia, às informações que mais se aproximem ao real universo dos poetas cordelistas e repentistas.

Analisando bem, muitas dessas informações (e aqui eu só cito algumas por falta de espaço) muitas vezes, minimizam o amplo universo da literatura de cordel, podendo inclusive reduzi-lo a um "folclore" distante no tempo e no espaço.

Sei que é difícil contradizer um conceito previamente estabelecido, mas é que muitos dos pontos que descrevi foram deslizes de interpretação de algum escritor ou conceitos muito antigos, que necessitam ser repensados e atualizados.

Nas oficinas que ministro, vejo os educadores impressionados ao saberem da multiplicidade e riqueza de estrofes e rimas do cordel (sextilha, setilha, oitava, décima, martelo, galope e muitas outras) e de como essas ferramentas podem ser úteis no desenvolvimento do leitor.

Este é o momento de refletir o porquê da chamada cultura erudita não dar a devida atenção às manifestações espontâneas que nascem para representar um anseio de uma comunidade e não os desejos e vontades de um só artista, pois o artista popular é um representante do povo, dos seus costumes e desejos.

Se alguns pesquisadores eruditos insistem em "folclorizar" pejorativamente as manifestações populares, eliminando sua contemporaneidade, nós, educadores e poetas, devemos ter coragem para mostrar a cultura sem qualquer medo ou receio. Mas toda mudança exige coragem, e sinceramente espero que esta coragem vista a fala e as ações de todos que lutam pelas culturas tradicionais populares e, se eu estiver equivocado, fico de coração aberto para me corrigir.

* César Obeid é pesquisador e escritor (www.teatrodecordel.com.br).